

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4615291>



CONTABILIDADE INCLUSIVA: DIDÁTICA VISUAL E DESENHO UNIVERSAL PARA REDUÇÃO DA BARREIRA DE APRENDIZAGEM

José Antonio Marcelino¹

Gina Morales-Acosta²

Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever as possíveis estratégias didáticas inclusivas no ensino de contabilidade para alunos com diversidade Surda no ensino superior. Foi utilizada a metodologia do tipo qualitativa, exploratória, a partir de revisão bibliográfica em contextos universitários que promoveram a inclusão de alunos com diversidade surda para o ensino da contabilidade. A proposta deste estudo se motivou principalmente pelo aumento do número de alunos Surdos no ensino superior, no curso de Ciências Contábeis, e pelo número reduzido de pesquisas voltadas ao assunto, bem como a falta de estratégias didáticas visuais e sinais-termos da área, cuja falta traz grandes problemas de aprendizagem dos conteúdos e dificuldade de comunicação. Diante desta perspectiva, concluímos que a utilização da didática visual e do desenho universal para a aprendizagem atrelada à língua materna do aluno Surdo auxilia no processo de aprendizagem. Percebe-se que são indispensáveis avanços na pedagogia visual e no desenvolvimento de adequações comunicativas do vocabulário pedagógico básico para o ensino da contabilidade em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Palavras chave: Aprendizagem Visual. Contabilidade Inclusiva. Educação de Surdos. Recursos Educacionais.

Abstract

This article aims to describe the possible inclusive didactic strategies in accounting teaching for students with deaf diversity in higher education. The qualitative, exploratory methodology was used based on a literature review in university contexts that promoted the inclusion of students with deaf diversity for accounting teaching. The proposal of this study was mainly motivated by the increase in the number of deaf students in higher education, in the accounting course, and by the reduced number of research focused on the subject, as well as the lack of visual didactic strategies and sign-terms of the area, whose lack brings great problems of learning of the contents and communication difficulty. In view of this perspective, we conclude that the use of visual didactics and universal design for learning related to the mother tongue of deaf students helps in the learning process. It is perceived that advances in visual pedagogy and in the development of communicative adaptations of the basic pedagogical vocabulary for the teaching of accounting in Brazilian Sign Language (LIBRAS) are indispensable.

Keywords: Deaf Education. Educational Resources. Inclusive Accounting. Visual Learning.

INTRODUÇÃO

A democratização do acesso e a participação do Público-alvo da Educação Especial (PAEE) em Instituições de Ensino Superior (IES) ocorreram gradativamente, no contexto de diversos países, membros das Organizações das Nações Unidas (ONU). Já é possível perceber este avanço da participação dos PAEE no Ensino Superior no Brasil, nos últimos anos, fato este que ocorreu tendo em vista as políticas públicas na área da Educação Especial.

¹ Doutorando em Educação. Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail para contato: josemarcelino@uenp.edu.br

² Fonoaudióloga. Doutora em Ciências da Educação. Docente e pesquisadora da Universidad de Antofagasta, Chile. Email para contato: agafano@yahoo.com



Estes importantes avanços ocorridos na legislação brasileira, alinhados à acordos internacionais, com pautas voltadas para o PAEE, trouxeram grandes desafios às universidades, uma vez que a educação inclusiva tem por objetivo recolocar no sistema de ensino, pessoas excluídas, sejam por deficiência, distúrbios, gênero, raça, cor ou outros motivos.

De acordo com Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2018), o número de alunos matriculados com diversidade Surda nos cursos de Ciências Contábeis, no ano de 2018, era de 2.235 alunos. Esta quantidade de alunos nas IES ainda está muito longe de ser satisfatório, mesmo assim temos um avanço. Faz-se necessário um maior envolvimento das IES, governo e associações de Surdos, para sensibilizar sobre o assunto para que tenhamos uma representatividade significativa.

Os alunos, durante a graduação em Ciências Contábeis, devem até o término do curso, ter condições de compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito (inter)nacional, e nos diferentes modelos de organização, (BRASIL, 2004c).

Os alunos com diversidade surda usam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sua língua materna, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela Lei n.º 10.436 (BRASIL, 2002a). Esta é uma língua gesto-visual realizada através de movimento do corpo, das mãos, pelas expressões faciais e corporais, (DE ALMEIDA; ALMEIDA, 2012). Possui características e qualidades de uma língua oral, apresenta versatilidade e flexibilidade, arbitrariedade, criatividade/produtividade, dupla articulação, iconicidade e arbitrariedade, (HARRIUSON, 2014).

O modelo de educação bilíngue para surdos prioriza o acesso a duas línguas: a primeira língua – Língua de Sinais – utilizada na comunicação entre os pares e o acesso ao desenvolvimento global, enquanto é percebida como primeira língua; e a segunda língua – a modalidade escrita – como meio de integração à sociedade ouvinte. Dessa forma, o sujeito estando inserido nas duas línguas, torna-se bicultural em um ambiente que se caracteriza por respeitar a cultura surda e a cultura ouvinte.

Santos (2018), aponta a existência de barreiras na comunicação, quando são considerados os métodos de ensino utilizados pelos docentes em sala de aula, pois fazem uso apenas da comunicação voltada para os alunos ouvintes. Esta prática compromete o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos, aulas exclusivamente teóricas, sem organização didática, trazem dificuldades de aprendizagem, assim deve os educadores repensarem suas práticas didáticas e suas metodologias (SANTOS, 2018).

No Plano Nacional de Educação, traçado para o decênio de 2014 – 2024 e aprovado pela Lei n. 13.005/2014, vem estabelecido, entre as diversas diretrizes, a superação das desigualdades educacionais por meio da erradicação de todas as formas de discriminação, do respeito aos direitos humanos, à



diversidade e a sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 2014b). Sabendo que um dos modos de diminuir as desigualdades educacionais dos sujeitos Surdos é proporcionando acesso ao conhecimento através de materiais em sua própria língua materna, a Libras e apoiados por recursos visuais (FELTEN, 2016, p. 17).

Diante deste contexto nos surge o seguinte questionamento: A didática visual alinhada ao Desenho Universal para a Aprendizagem pode contribuir como estratégias didáticas inclusivas, no ensino de contabilidade, para alunos Surdos no ensino superior?

Este estudo se justifica em primeiro momento pelo avanço no número de alunos Surdos no ensino superior, sendo necessário o acesso ao conhecimento de maneira igualitária, através de recursos e métodos adequados ao ensino adaptados as suas realidades. Uma vez que as estratégias e métodos mais presentes nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil são aulas expositivas, exercícios para fixação, seminários, laboratórios, estudos de casos entre outros, momentos em que a preleção é a estratégia mais utilizada pelos docentes do curso, no entanto, esta é carregada de barreiras, pois a atenção é voltada exclusivamente ao professor (MARION, 2001).

Como segunda justificativa apresenta-se o número reduzido de pesquisas voltadas ao assunto, uma vez que já se tem a presença deste público nas academias, desta forma, é de grande importância investigar como está ocorrendo o processo de ensino, em vistas a conhecer seus desafios e possibilidades de avanços.

Diante deste contexto o presente artigo visa descrever como a didática visual, alinhada ao Desenho Universal para a Aprendizagem, pode contribuir como estratégias didáticas inclusivas no ensino de contabilidade para alunos Surdos no ensino superior.

Nos próximos tópicos vamos apresentar a metodologia utilizada; os resultados encontrados, seguido das discussões e análises embasadas na didática visual e no desenho universal para a aprendizagem, com o enfoque nos alunos com diversidade surda; as considerações finais, seguido das referências.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem aspecto qualitativo, exploratória, alicerçada numa revisão bibliográfica com encadeamentos universitários inclusivos, que promova a inclusão de alunos com diversidade surda para o ensino e aprendizado da contabilidade. Teve como orientação para o enfoque qualitativo Denzin e Lincoln (2006), que a conceituam da seguinte forma: a pesquisa qualitativa tem um tratamento



interpretativo do cenário estudado, o que significa que os seus investigadores buscam elementos em seu contexto natural, tentando conhecer os fenômenos e importância que as pessoas a eles reconhecem.

A primeira etapa, em vistas, para responder o problema de pesquisa se deu através de busca nos bancos de dados e seleção de artigos. A pesquisa foi realizada nos seguintes bancos de dados: Portal de Periódicos da Capes, Google Scholar e *Web of Science*, no período entre janeiro de 2015 a janeiro de 2020. O critério de pré-seleção dos artigos se deu a partir de publicações que apresentavam no "Título" ou nas "Palavras-chaves" um ou mais termos relacionados à: "Métodos de Ensino"; "Didática Visual"; "Aluno Surdo".

Na segunda etapa foi realizada a leitura dos resumos selecionados. Desta forma, foram coletados 6 (seis) trabalhos, assim distribuídos 2 (dois) sobre métodos de ensino de contabilidade introdutória e 4 (quatro) sobre ensino de contabilidade para alunos Surdos.

RESULTADOS

Pesquisas como de Sallaberry, Vendruscolo e Bittencourt (2017); Marques e Biavatti (2019) demonstraram que os métodos de ensino predominante no ensino de contabilidade introdutória, utilizada pelos docentes, são as aulas expositivas (preleção) acompanhada da resolução de exercícios. As investigações também mostraram que os alunos reconhecem como recursos didáticos mais adequados para o ensino o uso dos recursos multimídia, pois facilitam a compreensão da disciplina.

Bolzan (2018), Friedrich (2019), Santos e Costa (2019) e Alves (2019) têm abordado sobre as estratégias de ensino de contabilidade introdutória com o uso da língua de sinais, no ensino de contabilidade com vertente inclusiva. Em seus achados reconhecem serem grandes os desafios encontrados pelos professores, sejam eles didáticos ou metodológicos, uma vez que as suas práticas devem ser adaptadas às necessidades e realidades dos discentes e do ambiente onde estão inseridos. Sendo assim é possível observar que existem barreiras da linguagem, falta de conhecimento e de sensibilidade em relação à surdez.

Discussão dos resultados

Tendo em vista o objetivo, de descrever como a didática visual alinhada ao Desenho Universal para a Aprendizagem contribui para o ensino de contabilidade para alunos Surdos no ensino superior, reconhecemos que o ato de comunicar é um fator de extrema importância para o dia a dia do docente, pois a relação ensino aprendizagem se faz essencialmente através de uma comunicação eficaz e clara,



prezando para que não haja falhas no processo de interlocução, as quais possam trazer dificuldades para o educando durante a construção do conhecimento.

Vasconcelos (2009; 2010), aponta que caso ocorram falhas de comunicação a tendência é a de prejudicar o processo educacional, refletindo diretamente na assimilação dos conteúdos transmitidos aos estudantes.

Reconhecendo que os sujeitos Surdos se comunicam por meio da Libras, utilizando-se da linguagem gestual, que tem como características próprias uma estrutura viso gestual, o uso do corpo, das mãos na aquisição e desenvolvimento. Que se apropriam de um sistema de impressão digital na ortografia manual (configuração manual do alfabeto), que suporta a aquisição da linguagem escrita. A comunicação com estes estudantes deveria ser considerada linguagem de sinais componente verbal e linguagem oral, contudo isto ainda não é uma realidade (MORALES-ACOSTA, 2019).

Para que o professor possa atender este aluno, é necessário que reconheça e entenda como estes se comunicam assim as possíveis barreiras de comunicação e acesso à aprendizagem são eliminadas proporcionando fluidez na comunicação e clareza no processo de ensino.

Cabe à didática, à pedagogia e ao currículo tomar novos rumos, romper com procedimentos tradicionais e modernos, pensar e repensar as práticas de ensinar, no caso em questão, aos Surdos, vivenciando e praticando a docência no espaço cultural (PERLIN; REZENDE, 2011).

Quadros (1997) defende a proposta de educação bilíngue e define que o que a sustenta é o respeito às pessoas surdas no seu direito de utilizar a Língua de Sinais em diferentes espaços: institucionais, acadêmicos ou no dia a dia. "Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita" (QUADROS, 1997, p. 27).

Destacam Martins, Gouvea e Piccini (2005, p. 38), a linguagem visual "se constitui num sistema de representação simbólica, profundamente influenciado por princípios que organizam possibilidades de representação e de significação numa dada cultura (...)". Assim é correto afirmar que a imagem se caracteriza como um ato universal e simbólico, onde a mesma imagem pode comunicar algo aqui e em outro lugar qualquer do mundo, mesmo assumindo significados diversos.

Para os estudiosos de Oliveira, Leão e Sofiato (2017), a imagem é linguagem não verbal e pode auxiliar na comunicação e no trabalho pedagógico tanto em espaços formais como em não formais de educação.

Considerando que os Surdos compreendem e interagem com o mundo através de experiências visuais de forma intensa, recorre à língua de sinais, com funções visuais, este é o meio mais simples de permitir o desenvolvimento pleno e o único das pessoas surdas, (VYGOTSKY, 1991).



A figura visual, tanto a representação abstrata quanto a figurativa ou pictográfica, traz consigo o potencial de ser aproveitada como recurso para transmitir conhecimento e desenvolver raciocínio, (REILY, 2003).

No que lhe concerne, Nery e Batista (2004) enfatizam que o uso de imagens visuais como estratégia de ensino de alunos Surdos, proporciona resultados significativos no processo ensino aprendizagem, no tocante ao pedagógico, possibilitando um desenvolvimento cognitivo mais profundo, pois viabiliza a criação de um contexto inclusivo mais adequado às suas necessidades, oferecendo uma forma visual de acesso ao conhecimento e uma alternativa para que a comunicação do Surdo, de fato, aconteça na escola.

Dada à característica visual da língua de sinais, essa discussão deve acontecer no campo da surdez. Nesse sentido, Reily (2003) aponta a importância de educadores das diversas áreas refletirem sobre o papel da imagem no processo de escolarização dos deficientes auditivos.

Assim, o Surdo pode significar o mundo por processos semelhantes aos dos ouvintes, através de uma estrutura linguística que permite compreender, dar sentido a fatos, objetos, sentimentos e emoções, pois a língua é o requisito básico para as ações educacionais, uma vez que possibilita a comunicação, o pensamento generalizante, a inserção social e cultural (VYGOTSKY, 1989).

A utilização desta pedagogia focada nesta comunidade traz a prática de um “olhar” diferente, focado numa filosofia para educação cultural, na qual a educação inicia-se quando o Surdo é colocado em contato com a sua diferença, para que aconteçam a subjetivação e as trocas culturais (STROBEL, 2013, p. 91).

A pedagogia visual deve ser usada na educação de Surdos, pois consiste na [...] exploração de várias nuances, ricas e inexploradas, da imagem, signo, significado e semiótica visual, na prática educacional cotidiana, procurando oferecer subsídios para melhorar e ampliar o leque dos “olhares” aos sujeitos Surdos e a sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético dos Surdos (CAMPELLO, 2007, p. 130).

Uma possibilidade de aproximação do conhecimento é o uso das terminologias técnicas em língua de sinais. A profissão contábil, assim como as demais, possui um vocabulário próprio que se desdobra em termos e conceitos os quais podem não estar presentes no vocabulário de Libras. A inexistência de termos técnicos em Libras tende a trazer grandes dificuldades aos alunos Surdos durante a construção do conhecimento, pois este é um limitador em sala de aula, tendo em vista as terminologias científicas ou técnicas. Isto sem contar, que a comunicação nos diversos ambientes também fica prejudicada (MARTINS, 2018). Sendo apropriação de uma terminologia um ponto relevante durante o processo do aprendizado de uma língua, tanto na primeira língua quanto na segunda língua, a



apropriação de terminologias científicas ou técnicas em Libras facilitará a aquisição e apropriação do conhecimento elaborado.

Quando o estudante Surdo não tem conhecimento do que está estudando, ou na falta do sinal de um termo específico, torna-se habitual o uso da soletração do termo, isto é um empréstimo linguístico, já que a soletração faz parte da língua portuguesa.

Faria-do-Nascimento (2009, p. 55) argumenta sobre a importância da ideação terminológica:

Conscientizar estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da língua de sinais brasileira (LSB), e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também dos intérpretes adequarem sua tradução ao contexto emergente.

Assim, um glossário se caracteriza como uma obra terminográfica, pois é constituída em consonância com o seu público-alvo. Para sua utilização, faz-se necessário seguir regras pré-estabelecidas, em seu registro e organização. Esta deve ser utilizada com base nos elementos da cultura surda e da língua de sinais como:

Contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da *SignWriting* (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (CAMPELLO, 2008, p. 129).

Quando o professor e aluno estabelecem uma linha de comunicação única, através da língua de sinais, a relação se torna clara, sem ruídos de comunicação entre ambas as partes (MORALES-ACOSTA, 2019).



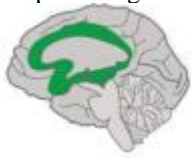
É possível também pensar no Desenho Universal para a Aprendizagem - DUA como um recurso para elaboração de estratégias para acessibilidade de todos, tanto em termos físicos quanto de serviços, produtos e soluções educacionais, desta forma todos adquirem o conhecimento sem barreiras (CAST, 2011, 2018).

Segundo Campos e Mello (2015), o DUA, quando transposto para o contexto da Educação, é um conjunto de princípios para o desenvolvimento de ambientes e de recursos pedagógicos que possibilitam processos de ensino e de aprendizagem ao maior número de pessoas.

Trata-se, então, de um conjunto de princípios e estratégias relacionadas com o desenvolvimento curricular que procuram reduzir as barreiras ao ensino e à aprendizagem (CAST, 2018), tal como segue no quadro 01.



Quadro 01 - Diretrizes e Princípios do DUA

PRINCIPIOS E REDES	DIRETRIZES	PONTO DE VERIFICAÇÃO
I - Múltiplas formas de representação Redes de Reconhecimento O "O QUE" da aprendizagem 	1 - Fornecer opções para Percepção	1.1 Oferecer maneiras de personalizar a exibição de informações 1.2 Oferecer alternativas para informações auditivas 1.3 Oferecer alternativas para informações visuais
	2 - Fornecer opções para Linguagem e símbolos	2.1 Esclarecer o vocabulário e os símbolos 2.2 Esclarecer a sintaxe e a estrutura 2.3 Suportar decodificação de texto, notação matemática e símbolos 2.4 Promover a compreensão em vários idiomas 2.5 Ilustrar através de várias mídias
	3- Fornecer opções para Compreensão	3.1 Ativar ou fornecer conhecimento prévio 3.2 Destacar padrões, recursos essenciais, grandes ideias e relacionamentos 3.3 Guia de processamento e visualização de informações 3.4 Maximizar a transferência e generalização
II - Múltiplas formas de Ação e Expressão Redes de Estratégias O "COMO" da aprendizagem 	4 - Fornecer opções para Ação física	4.1 Variar os métodos de resposta e navegação 4.2 Aprimorar o acesso a ferramentas e tecnologias assistivas
	5 - Fornecer opções para Expressão e comunicação	5.1 Usar vários meios de comunicação 5.2 Usar várias ferramentas para construção e composição 5.3 Desenvolver fluências com níveis graduados de suporte para prática e desempenho
	6 - Fornecer opções para Funções executivas	6.1 Orientar o estabelecimento de metas adequadas 6.2 Apoiar o planejamento e desenvolvimento de estratégia 6.3 Facilitar o gerenciamento de informações e recursos 6.4 Melhorar a capacidade de monitorar o progresso
III - Múltiplas formas de Engajamento Redes Afetivas O "PORQUE" da aprendizagem 	7 - Fornecer opções para Interesse e participação	7.1 Otimizar a escolha individual e a autonomia 7.2 Otimizar a relevância, o valor e a autenticidade 7.3 Minimizar ameaças e distrações
	8 - Fornecer opções para Esforço de sustentação e persistência	8.1 Aumentar a relevância das metas e objetivos 8.2 Variedade de demandas e recursos para otimizar o desafio 8.3 Promover a colaboração e a comunidade 8.4 Aumentar o feedback orientado para o domínio
	9 - Fornecer opções para Autorregulação	9.1 Promover expectativas e crenças que otimizam a motivação 9.2 Facilitar as habilidades e estratégias de enfrentamento pessoal 9.3 Desenvolver autoavaliação e reflexão

Fonte: Elaboração própria. Baseada em Diretrizes do Universal Design for Learning, versão 2.2., 2018. Disponível em: <<http://udlguidelines.cast.org>>.

Em ambientes de aprendizado, como faculdades ou universidades, a variabilidade individual deve ser norma e não a exceção. Quando os currículos são projetados para atender à média imaginária, a real variabilidade entre os alunos não é considerada (CAST, 2011). Esses currículos fracassam na tentativa de proporcionar a todos os alunos, oportunidades justas e equitativas de aprender, uma vez que excluem aqueles com habilidades diferentes, conhecimentos e motivações anteriores, que não correspondem ao critério ilusório de “média”.



Dentro desse aspecto, o DUA se configura como uma soma de princípios e estratégias que permitem ao docente definir objetivos de ensino, e criar materiais e formas de avaliação que sejam adequados a todos os alunos, de modo que todos possam aprender na via comum de educação (NUNES; MADUREIRA, 2015).

O DUA significa, dessa maneira, uma mudança na forma de pensar a prática educacional em algumas formas básicas, com a flexibilização da forma como a informação é apresentada, na qualidade como os estudantes respondem ou expressam conhecimentos e habilidades e como os discentes estão engajados. Com isso, chega-se a uma diminuição das barreiras no ensino, propiciando acomodações condignas, o apoio aos desafios e, por fim, mantendo as expectativas de grandes realizações para todos os estudantes.

A utilização dos princípios do DUA propicia aos educadores a obtenção do referido objetivo, possibilitando uma delimitação para a compreensão de como desenvolver um currículo que, desde o princípio do projeto, atenda à demanda de todos os estudantes (CAST, 2011).

Reconhecer como se processa a aprendizagem no âmbito cerebral nos fornece condição para proporcionar ambientes de aprendizado significativos, concretos, vivos e desafiadores, que inspire os alunos na capacidade de aprender, através do despertar do seu cérebro, esta proposta está profundamente relacionada com os princípios e linhas orientadoras do DUA (ALVES; RIBEIRO; SIMÕES, 2013).

O cérebro de cada indivíduo é único e o processo de aquisição de conhecimento ocorre de modos singulares, ritmos de aprendizagem e maneiras de padronização individuais Rose e Meyer (2002) enfatizam que somos diferentes devido ao nosso cérebro, que é singular na Afetividade (aprender “o porquê”), no Reconhecimento (aprender “o que”), e na Estratégia (aprender “como”).

As redes afetivas estão relacionadas com o interesse e a motivação, proporcionando avaliar os padrões, atribuir-lhes relevância emocional e envolver-nos em atividades/aprendizagem, e com o mundo que nos envolve. Os modos que controlam os níveis de atividade nas diferentes partes do cérebro e as bases dos impulsos do estímulo, particularmente direcionado para o processo de aprendizagem, assim como as comoções de prazer ou punição, são realizados em grande parte pelas regiões basais do cérebro, as quais, em conjunto, compõem o Sistema Límbico (ROSE; MEYER, 2002).

As redes de reconhecimento são especializadas nos meios e maneiras dos sentidos e atribuem relevância aos padrões que vemos, permite assim identificar, assimilar e processar os conceitos, ideias e informações adquiridas pelos canais sensoriais.

Estas redes são concebidas pelas investigações que aparecem no cérebro e simbolizam “o quê” da aprendizagem. Elas estão localizadas no córtex visual, no lobo occipital, que aciona os estímulos visuais. Ao receber as informações visuais, estas são posteriormente processadas e agrupadas em áreas



secundárias, que logo em seguida fazem comparação com as informações já existentes. A área visual permanece em comunicação com outras áreas do cérebro que dão interpretação ao que vemos, considerando as nossas experiências passadas e as nossas expectativas. Por isso, o mesmo objeto não é percebido da mesma forma por diferentes indivíduos (ROSE; MEYER, 2002).

As redes de estratégia processam a informação, possibilitando planejar, executar e monitorar as ações e habilidades. Ao responder a algo, utilizamos as redes estratégicas, elas simbolizam ao “como” da aprendizagem. Encontram-se no lobo frontal que abrange grande parte do córtex e executam funções de extrema dificuldade, como o processamento sensorial, motor e a cognição. Acordam também que todos os atos e pensamentos sejam realizados conscientemente.

A parte anterior do lobo frontal, o córtex pré-frontal, está totalmente ligado à estratégia tendo como função deliberar as sequências de movimentos que serão ativados, como ordenar e avaliar os seus achados. As suas aplicações parecem incorporar a compreensão abstrata e criativa, a clareza do raciocínio e da linguagem, julgamento social, vontade, indicação para ação e concentração específica (ROSE; MEYER, 2002).

Diante destas perspectivas, foi possível perceber que as duas estratégias de ensino de contabilidade para alunos Surdos, são possíveis de serem aplicadas, se forem adequadas com o apoio da equipe pedagógica. A utilização da Didática Visual apoiada nos recursos visuais amplia as condições de aprendizagem dos alunos com diversidade Surda, ao viabilizar a utilização da língua de sinais para compreensão das terminologias específicas da área de contabilidade e ampliar a compreensão e interpretação dos conteúdos.

No que se refere ao Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como veículo de ensino da contabilidade aos alunos Surdos, este auxiliará na aquisição dos conhecimentos necessários ao aprendizado, bem como sua aplicação que será estendida a todos os estudantes, uma vez que seu princípio está voltado para flexibilização e eliminação de barreiras de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de transmissão do conhecimento é a base, ou seja, a espinha dorsal do processo ensino aprendizagem e ocorre por meio da indissociabilidade dos conteúdos trabalhados e das realidades sociais dos atores envolvidos, entendendo que não é satisfatória apenas a transmissão do conteúdo, mas a transformação social do indivíduo.



Diante do exposto, a aplicação da imagem visual para o ensino dos alunos com diversidade surda traz muitas colaborações, uma vez que há uma familiaridade com a língua materna do aluno Surdo, que proporciona maior facilidade de entendimento através do uso das imagens.

A educação bilíngue L1- Língua de Sinais e a L2- Língua Portuguesa e a transposição dos termos empregados no ensino da contabilidade, gerando assim sinais-termos inerentes da área, irão contribuir para o processo de ensino, bem como servirão de instrumento de apoio ao tradutor intérprete em sala de aula.

Identifica-se também que o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), vem de encontro com a realidade dos professores e alunos, uma vez que eliminará as possíveis barreiras de aprendizagem e comunicação entre eles, assim o educador alinhará suas práticas de acordo com a realidade e processo de aquisição de conhecimento de cada aluno.

A fundamentação do DUA mostrou que esta é uma possibilidade real de ser aplicada, não só em sala de aula, mas nos diversos campos, tendo em vista que em algum momento da vida vamos necessitar de adaptações para obtermos algum acesso, seja na primeira infância, na juventude ou na maior idade.

O estudo não pretende se encerrar, mas certamente será um ponto de partida para futuras pesquisas que queiram aprofundar discussões acerca do tema, principalmente relacionados ao desenvolvimento de novas metodologias e recursos para o ensino da contabilidade para alunos com diversidade Surda.

É possível assim concluir que o ensino de contabilidade inclusiva para estudantes com diversidade surda indica grandes desafios, tanto para os educadores como para os alunos, uma vez que há obstáculos de comunicação e compreensão entre eles, seja pelas práticas adotadas ou pela inexistência de sinais-termos em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que sejam exclusivas da área, contudo, passos estão sendo dados para a superação de tais barreiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. B. M. **Mãos que falam**: reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem de uma estudante surda na educação superior (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Contábeis). Ituiutaba: UFU, 2019.

ALVES, M. M.; RIBEIRO, J.; SIMÕES, F. “Universal Design for Learning (UDL): Contributos para uma escola de todos”. **Indagatio Didactica**, vol. 5, n. 4, 2013.

BOLZAN, G. **Competências docentes**: um estudo com professores de graduação em Ciências Contábeis no Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado em Controladoria e Contabilidade). Porto Alegre: UFRGS, 2018.



BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Senado: Planalto, 2002a. <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 16/08/2019.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Senado: Planalto, 2014b. <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10/08/2019.

BRASIL. **Resolução CNE/CES 10, de 16 de dezembro de 2004**. Brasília: MEC, 2004c. <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 10/08/2019.

CAMPELLO, A. R. S. “Pedagogia visual: sinal na educação dos Surdos”. In: QUADROS, R. M.; PELIN, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos** (Tese de Doutorado em Educação). Florianópolis: UFSC, 2008.

CAMPOS, T.; MELLO, M. A. F. “O desenho universal e a tecnologia assistiva como potencializadores dos processos de ensino e aprendizagem. Parte II”. **Medicina de Reabilitação**, vol. 92, maio, 2015.

CAST - Center for Applied Special Technology. “Diretrizes do Universal Design for Learning. Versão 2.2”. **CAST** [2018]. Disponível em: <<http://udlguidelines.cast.org>>. Acesso em: 14/11/2019.

CAST - Center for Applied Special Technology (CAST). “Universal Design for Learning Guidelines version 2.0”. Disponível em: <<http://udlguidelines.cast.org>>. Acesso em: 14/11/2019.

DE ALMEIDA, M. P.; ALMEIDA, M. E. “História de LIBRAS: característica e sua estrutura”. **Revista Philologus**, ano 18, n. 54, 2012

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. “Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**, vol. 2, Porto Alegre: ArtMed, 2006.

FARIA-DO-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica** (Tese de Doutorado em Linguística). Brasília: UnB, 2009.

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil** (Dissertação de Mestrado em Linguística). Brasília: UnB, 2016.

FRIEDRICH, M. A. **Glossário em Libras: uma proposta de terminologia pedagógica (Português-Libras) no curso de administração da UFPel** (Dissertação de Mestrado em Letras). Pelotas: UFPel, 2019.

HARRISON, K. M. P. **Língua brasileira de sinais (Libras): apresentando a língua e suas características**. São Carlos: UFScar, 2014.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 12/07/2019.

MARION, J. C. **O Ensino da contabilidade**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MARQUES, L.; BIAVATTI, V. T. “Estratégias aplicadas no ensino da contabilidade: evidências dos planos de ensino de uma universidade pública”. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, vol. 12, n. 2, maio, 2019.



MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia. (Tese de Doutorado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2018.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; PICCININI, C. “Aprendendo com imagens”. **Revista Ciência e Cultura**, vol. 57, n. 4, outubro/dezembro, 2005.

MORALES-ACOSTA, G. “Percepciones sobre lalengua de señas chilena en la educación de estudiantes Sordos: docente y codocente como sujetos históricos situados comunicativamente en el aula”. **Revista Educación**, vol. 43, n. 2, julho/dezembro, 2019.

NERY, C. A.; BATISTA, C. G. “Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda: um estudo de caso”. **Revista Paidéia**, vol. 14, n. 29, setembro/dezembro, 2004.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. “Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas”. **Da Investigação às Práticas**, vol. 5 n. 2, setembro, 2015.

PERLIN, G. T.; REZENDE, P. L. F. **Didática e educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REILY, L. H. “As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares-escolares surdos”. *In*: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (orgs.). **Cidadania, Surdez e Linguagem**: desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

ROSE, D. H.; MEYER, A. **Teaching every student in the digital age: Universal design for learning**. Alexandria: Association for Supervision and Curriculum Development, 2002.

SALLABERRY, J. D.; VENDRUSCOLO, M. I.; BITTENCOURT, B. R. “A eficácia dos métodos de ensino em contabilidade”. **Cuadernos de Educacion y Desarrollo**, julho, 2017.

SANTOS, B. R. L. **O ensino de contabilidade introdutória e o desafio da linguagem**: percepções de professores, intérpretes de Libras e alunos surdos (Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis). Curitiba: UFPR, 2018.

SANTOS, B. R. L.; COSTA, F. “Desafios percebidos por alunos Surdos no ensino da disciplina de contabilidade introdutória nos cursos de ciências contábeis e administração”. **Contabilidade Vista & Revista**, vol. 30, n. 3, setembro/dezembro, 2019.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

VASCONCELOS, A. F. “Fatores que influenciam as competências em docentes de Ciências Contábeis”. **Anais do XXXIV Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

VASCONCELOS, A. F. **Professores em Ciências Contábeis**: um estudo sobre as competências para o exercício da docência nos cursos presenciais no nordeste brasileiro (Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis). Brasília: UnB, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima